

# “AS NAÇÕES SE ENCAMINHAM PARA A TUA LUZ”: O OTIMISMO ESCATOLÓGICO DE EUSÉBIO DE CESAREIA E O TRIUNFO DO CRISTIANISMO SOB CONSTANTINO

Thiago Velozo Titillo<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo objetiva investigar a possível relação entre a visão otimista da história de Eusébio de Cesareia e os eventos ligados a ascensão do primeiro imperador cristão ao trono de Roma, Constantino, e suas políticas de favorecimento à Igreja. Para alcançar seu objetivo, o artigo apresenta os elementos ligados à política imperial no período da chamada “virada constantiniana”, bem como a escatologia otimista do bispo de Cesareia, além da herança teológica da tradição alexandrina recebida por ele.

**PALAVRAS-CHAVE:** EUSÉBIO; CONSTANTINO; ORÍGENES; ESCATOLOGIA; OTIMISMO HISTÓRICO.

## ABSTRACT

This article aims to investigate the possible relationship between the optimistic view of the history of Eusebius of Caesarea and the events linked to the ascension of the first Christian emperor to the throne of Rome, Constantine, and his policies to favor the Church. To achieve its objective, the article presents the elements linked to imperial politics in the period of the so-called “Constantinian turn”, as well as the optimistic eschatology of the bishop of Caesarea, in addition to the theological heritage of the Alexandrian tradition received by him.

**KEYWORDS:** EUSEBIUS; CONSTANTINE; ORIGINS; ESCHATOLOGY; HISTORICAL OPTIMISM.

## INTRODUÇÃO

A fé cristã fundamenta-se na esperança de que, ao final, Cristo irá triunfar sobre os poderes das trevas. O apóstolo Paulo diz à comunidade de Corinto:

Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo

---

<sup>1</sup> Thiago Velozo Titillo é pós-graduando em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão e especialista em Teologia Bíblica e Sistemática-Pastoral pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Betel e licenciado em Letras pela Universidade Estácio de Sá. Concluiu curso de grego pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Leciona na rede estadual de ensino (SEEDUC-RJ), no Seminário Teológico Betel e no Seminário Teológico Evangélico Peniel. Além de escrever artigos e resenhas para revistas especializadas em teologia, é autor de *A gênese da predestinação na história da teologia cristã: uma análise do pensamento agostiniano sobre o pecado e a graça* (2014; 2016), *Eleição Condicional* (2015), *Jamais Perecerão: uma análise teológica, histórica e exegética da segurança eterna dos salvos* (2017) e *Fé e educação: contribuições da Reforma na área do ensino* (2018). Contato: thiago\_titillo@yahoo.com.br.

principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte (1 Co 15.22-26).<sup>2</sup>

Talvez nenhum documento do Novo Testamento expresse mais fortemente essa esperança do que o Apocalipse de João. Como observa Beale, “este livro é o brado de vitória da Bíblia, pois nele, mais do que em outra parte do NT, é revelada a vitória final de Deus sobre as forças do mal”.<sup>3</sup>

Embora a vitória do Reino de Cristo seja um tema unificador entre os cristãos, a maneira como ela se processa é motivo de discussão. Desde cedo coexistiram cristãos milenaristas e não milenaristas.<sup>4</sup> Dentre os não milenaristas, porém, existem aqueles que possuem uma visão mais otimista da história, crendo que o Reino de Cristo se estenderá à maioria dos homens sobre a terra por meio da proclamação do evangelho. Mas após as duas grandes guerras do último século tal expectativa entrou em declínio, situação possivelmente agravada pelo atual momento pandêmico.<sup>5</sup> Como Erickson constatou: “Em grande medida isso tem resultado mais das considerações históricas do que das exegéticas”.<sup>6</sup>

Eusébio de Cesareia foi um destes não milenaristas que adotou uma visão otimista da história, crendo que o Reino de Cristo se estenderia por todas as nações através da pregação e da conversão massiva da população mundial à fé, preparando assim o caminho para a *parousia* final de Jesus Cristo. Antecedido por Orígenes e seguido por Atanásio e Agostinho,<sup>7</sup> Eusébio deixou farto testemunho de sua expectativa escatológica otimista em seus textos.

Sua relação com o primeiro imperador cristão, Constantino, e o impacto que este – e suas políticas de favorecimento à igreja – exerceu sobre o bispo cristão levantam a hipótese de que a visão otimista de Eusébio seja motivada pelo contexto político da “virada constantiniana”, após três séculos de recorrentes perseguições aos cristãos por parte do império.

<sup>2</sup> Citação extraída da tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada (ARA).

<sup>3</sup> BEALE, G. K. Brado de vitória: um breve comentário do livro de Apocalipse. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 1.

<sup>4</sup> BERKHOF, Louis. História das doutrinas cristãs. São Paulo: PES, 1992, p. 236.

<sup>5</sup> Não obstante, a visão escatológica conhecida como pós-milenarismo recebeu novo impulso através da tradição reformada – juntamente com o preterismo e a ética teonômica – por meio do movimento reconstrucionista cristão, liderado pelo falecido Dr. Greg Bahnsen (ICE, Thomas; GENTRY JR., Kenneth L. A grande tribulação: passado ou futuro? Dois evangélicos debatem a questão. Rio de Janeiro: Verbum, 2022, no prelo, pp. 10-11). Outros líderes proeminentes do movimento foram: Rousas Rushdoony e Gary North. O Dr. Kenneth L. Gentry é um prolífico autor em atividade que milita a mesma visão, embora o reconstrucionismo cristão tenha entrado em declínio na virada do último século. Evidentemente, o pós-milenarismo e a concepção preterista da grande tribulação não dependem da visão reconstrucionista.

<sup>6</sup> ERICKSON, Millard J. Escatologia: a polêmica em torno do milênio. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 73.

<sup>7</sup> GENTRY JR., Kenneth L. “O ponto de vista pós-milenarista”. In: BOCK, Darrell L (org.). O milênio: 3 pontos de vista. São Paulo: Vida, 2005, p. 16.

Diante disso, o presente artigo buscará identificar as possíveis relações entre a teologia escatológica do bispo de Cesareia e o contexto político do império naquele momento histórico. Para tanto, o artigo será estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo será feita uma revisão histórica dos eventos que culminaram na ascensão de Constantino ao trono imperial, bem como sua conversão à fé cristã e as políticas de favorecimento à igreja promovidas durante o seu governo.

O capítulo dois apresentará trechos da obra *História Eclesiástica* que revelam a posição escatológica de Eusébio de Cesareia. Observar-se-á sua perspectiva otimista da história, o que se torna ainda mais evidente em sua visão preterista da grande tribulação.

Por fim, o terceiro e último capítulo buscará traçar elementos da tradição teológica alexandrina herdada pelo historiador eclesiástico a fim de identificar suas semelhanças.

Com isso, pretende-se estabelecer quais são os possíveis fatores por trás da visão otimista que Eusébio tem da história.

## 1 A ASCENSÃO DE CONSTANTINO

Flavius Valerius Constantinus nasceu entre 272 e 274 d.C. em Naissus, no sul da Sérvia. Foi o único filho da relação de seu pai, Constâncio Cloro, com a concubina Helena. Não obstante, teve seis meios-irmãos, frutos do relacionamento de seu pai com Teodora: Anibaliano, Dalmácio, Júlio Constâncio, Constância, Anastácia e Eutrópia. Constância se tornaria a esposa do coimperador Licínio e Júlio Constâncio seria o pai de dois futuros imperadores: Constâncio Galo e Juliano.<sup>8</sup>

Ao assumir o trono no final do século III, Diocleciano dividiu o governo do Império em 286, designando Maximiano o *augustus* do Ocidente. Com isso, buscava resolver os problemas militares, administrativos e religiosos que encontrou pela frente. Anos depois, os dois *augustus* resolvem designar um subordinado, que seria o seu sucessor no trono, de forma que o Império ficou dividido em quatro regiões administrativas regidas por uma tetrarquia.<sup>9</sup> “Diante da grandeza territorial do império, dois imperadores governariam o ocidente e outros dois governariam o oriente”.<sup>10</sup> Com tal modelo, esperava-se que as sucessões imperiais fossem pacíficas<sup>11</sup> e que a defesa do Império nas fronteiras fossem fortalecidas.

---

<sup>8</sup> RAMALHO, Jefferson; FUNARI, Pedro Paulo; CARLAN, Claudio Umpierre. Constantino e o triunfo do cristianismo na antiguidade tardia. São Paulo: Fonte Editorial, 2016, p. 58.

<sup>9</sup> IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. História do movimento cristão mundial. Volume 1: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004, p. 207.

<sup>10</sup> RAMALHO; FUNARI; CARLAN, op. cit., p. 59.

<sup>11</sup> GONZÁLEZ, Justo L. E até os confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo. Volume 1: a era dos mártires. São Paulo: Vida Nova, 1995a, p. 165.

Mas foi outra decisão de Diocleciano que teve grande importância para os rumos políticos do Império – a perseguição promovida contra os cristãos em 303. As motivações por trás da decisão imperial não eram diferentes daquelas que serviram como combustível para as perseguições anteriores: “os cristãos rompiam a unidade do império recusando-se a participar da sua religião imperial. Constituíam uma ameaça para o império negando a devoção aos deuses, considerados defensores do bem-estar de Roma”.<sup>12</sup> Em suma: “a confissão pública da religiosidade cristã era a negação das divindades que protegiam os imperadores”.<sup>13</sup>

O resultado da perseguição foi desastroso para os cristãos: “Foram destruídas casas nas quais os cristãos se reuniam para realizarem seus cultos, foram queimados textos que lhes pertenciam, além, é claro, de serem presos, torturados e mortos todos que, capturados, negavam-se a aceitar as divindades romanas e cultuar o imperador”.<sup>14</sup> Nas palavras de Irvin e Sunquist, “era a tentativa final de forçar os cristãos a renunciar à sua fé e de pelo menos impedir, ou até deter, o crescimento do seu insidioso ateísmo”.

Embora a igreja antiga tenha experimentado um consistente crescimento antes mesmo da ascensão de Constantino ao trono,<sup>15</sup> estima-se que os cristãos representavam apenas cinco ou dez por cento da população do Império no início do século IV.<sup>16</sup> Diante de um percentual tão pequeno, a probabilidade de a fé cristã ser extinta no Império era real; enquanto a intervenção imperial em favor dos cristãos era, no mínimo, improvável, para não dizer impossível. Não obstante, foi exatamente isso que aconteceu: o movimento cristão não foi eliminado, e sua “salvação” veio de onde menos se esperava.

Maximiano, no Ocidente, e Diocleciano, no Oriente, haviam abdicado em 305 pelas ameaças de Galério. Desta forma, Galério sucedeu a Diocleciano e Constâncio Cloro a Maximiano. Com a morte de Constâncio Cloro, suas tropas entronizaram o seu filho, Constantino, proclamando-o *augustus*.<sup>17</sup>

---

<sup>12</sup> IRVIN; SUNQUIST, op. cit., p. 207.

<sup>13</sup> RAMALHO; FUNARI; CARLAN, op. cit., p. 59.

<sup>14</sup> Ibid., loc.cit.

<sup>15</sup> Veja: KREIDER, Alan. O paciente fermento da igreja primitiva: o improvável crescimento do cristianismo no Império Romano. 1. ed. Maceió, AL: Sal Cultural, 2017.

<sup>16</sup> VEYNE, Paul. Quando o nosso mundo se tornou cristão: (312-394). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 11. Kreider, fundamentando-se nos números declarados pelo sociólogo Rodney Stark, apresenta o número de cinco a seis milhões de pessoas no Império como sendo cristãs – o que representaria entre 8 e 12 por cento da população (op. cit., pp. 19-20). No entanto, esse percentual não contradiz aquele oferecido por Veyne (entre 5 e 10%), visto que este calcula a população total do Império em torno de “70 milhões de habitantes, talvez” (op. cit., p. 11). Assim, os seis milhões de cristãos não ultrapassariam os dez por cento da população imperial ventilados por Veyne.

<sup>17</sup> GONZÁLEZ, op.cit., pp. 169-172.

Como a perseguição ao cristianismo não conseguiu evitar a expansão do movimento, três membros da tetrarquia resolveram afrouxar as medidas contra ele no ano de 311,<sup>18</sup> conforme se evidencia pelo Edito de Tolerância assinado por Galério poucos dias antes de sua morte, juntamente com Constantino e Licínio.<sup>19</sup>

A última composição tetrárquica contava com Constantino e Maxêncio, no Ocidente, e Maximino Daia e Licínio, no Oriente. Para alcançar o seu propósito de restaurar a Monarquia, Constantino deveria, primeiramente, dominar o Ocidente. Para tanto, teria de investir contra Maxêncio, conquistando Roma.<sup>20</sup>

A batalha foi vencida por Constantino em 28 de outubro de 312, sobre uma ponte que Maxêncio construía em lugar da Ponte Mílvia, para servir de armadilha às tropas constantinianas. Mas diante do ataque de Constantino, as forças de Maxêncio acabaram fugindo pela ponte, que se rompeu, fazendo com que muitos dos seus soldados se afogassem nas águas do Tibre, destino compartilhado pelo próprio Maxêncio.<sup>21</sup>

Uma questão recorrente é a visão que Constantino teve às vésperas da batalha. Duas testemunhas contemporâneas – que o conheceram – dão duas versões diferentes do evento. Segundo Eusébio, bispo de Cesareia, a visão apareceu no céu, a saber, uma cruz com a seguinte expressão: *in hoc signo vinces*.<sup>22</sup> No relato de Eusébio, como se vê abaixo, todo o exército viu, juntamente com Constantino, o sinal:

Este Deus ele começou a invocar em oração, suplicando e implorando que lhe mostrasse quem ele era e que estendesse sua mão direita para ajudá-lo em seus planos. Ao fazer essas orações e súplicas sinceras, apareceu ao Imperador um sinal divino mais notável. Se outra pessoa o tivesse relatado, talvez não fosse fácil aceitar; mas como o próprio imperador vitorioso contou a história ao presente escritor muito tempo depois, quando fui privilegiado com seu conhecimento e companhia, e a confirmei com juramentos, quem poderia hesitar em acreditar no relato, especialmente quando o tempo que se seguiu forneceu provas para a verdade do que ele disse? Por volta da hora do sol do meio-dia, quando o dia estava apenas virando, ele disse que viu com seus próprios olhos, lá no céu e repousando sobre o sol, um troféu em forma de cruz formado de luz, e um texto anexado ele que disse: ‘Com este vence’. O espanto com o espetáculo apoderou-se dele e de toda a companhia de soldados que então o acompanhava em uma

<sup>18</sup> IRVIN; SUNQUIST, op. cit., p. 208

<sup>19</sup> CESAREIA, Eusébio de. História Eclesiástica. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, Livro 8, cap. XVII, pp. 316-320.

<sup>20</sup> RAMALHO; FUNARI; CARLAN, op. cit., pp. 63-65.

<sup>21</sup> LEITHART, Peter. Em defesa de Constantino: o crepúsculo de um império e a aurora da cristandade. Brasília, DF: Monergismo, 2020, p. 71.

<sup>22</sup> “Por este sinal vencerás”. No relato grego de Eusébio, a expressão é: *em touko nika* – “com este vence” – (ibid., p. 77).

campanha que ele estava realizando em algum lugar, e testemunharam o milagre.<sup>23</sup>

A versão de Lactâncio soa mais sóbria: “Constantino foi advertido em sonhos para que gravasse nos escudos o sinal celeste de Deus e deste modo começasse a batalha” (*Morte*, 44).<sup>24</sup> Algumas diferenças são significativas:

Eusébio não registra nenhum sonho, já Lactâncio não informa de onde Constantino tirou o ‘sinal celeste’, embora diga que Constantino tenha marcado os escudos de seus soldados com ele. Pelo relato de Lactâncio, a visão de Constantino poderia muito bem ter ocorrido em privado, enquanto Eusébio alega que todo o exército testemunhou o sinal.<sup>25</sup>

Outra questão bastante discutida é se Constantino já era cristão, ou se ele se tornou cristão a partir dessa visão. Eusébio e Lactâncio apresentam Constantino como um novo cristão, a partir dessa experiência mística.<sup>26</sup> Zósimo, um historiador não cristão, conta que Constantino somente se converteu à fé cristã uma década e meia mais tarde, como consequência da execução do seu filho, Crispo, e de sua esposa, Fausta.<sup>27</sup> Mas como observa Leithart, o “relato de Zósimo é cronologicamente impossível, pois data a conversão de Constantino mais de uma década após ele ter começado a publicamente se identificar com o cristianismo”.<sup>28</sup>

Constantino, ao se tornar um dos imperadores, assumiu a filiação divina de Hércules, mas em 310, após uma experiência no templo de Apolo, mudou sua filiação religiosa.<sup>29</sup> Veyne diz que “o sonho de 312 não determinou a conversão de Constantino, mas prova, pelo contrário, que ele próprio acabara de decidir se converter ou, se já se tivesse convertido havia alguns meses, a ostentar publicamente os sinais dessa conversão”.<sup>30</sup> Desta forma, a visão/sonho não foi a causa da conversão, mas seu efeito.

Irvin e Sunquist mencionam o encontro com os cristãos perseguidos uma década antes como sendo mais decisivo para a sua conversão, dando pouca importância à visão na véspera

<sup>23</sup> EUSEBIUS. *Life of Constantine*. Clarendon Ancient History Series. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1999, Livro 1, cap. 28, pp. 80-81.

<sup>24</sup> LACTÂNCIO apud LEITHART, op. cit., p. 78.

<sup>25</sup> LEITHART, *ibid.*, pp. 78-79.

<sup>26</sup> RAMALHO; FUNARI; CARLAN, op. cit., p. 64.

<sup>27</sup> LEITHART, op. cit., p. 79.

<sup>28</sup> *Ibid.*, loc.cit

<sup>29</sup> RAMALHO; FUNARI; CARLAN, op. cit., pp. 60-61.

<sup>30</sup> VEYNE, op. cit., pp. 96-97.

da batalha de 312.<sup>31</sup> Nesse sentido, não deixa de ser interessante as especulações em torno da família de Constantino ser cristã:

Eusébio chama o Deus cristão de ‘Deus de seu pai’ [de Constantino]. Isso, juntamente com outras evidências, como o nome da irmã de Constantino (‘Anastácia’, que significa ‘ressurreição’) e o testemunho claramente cristão da mãe de Constantino, Helena, no fim de sua vida, têm levado alguns a concluir que Constâncio já seria cristão.<sup>32</sup>

Mas dificilmente um perseguidor – ainda que menos ávido que Diocleciano e Galério – poderia ser chamado de cristão. Talvez Hanson esteja correto ao concluir que Constâncio era apenas simpático ao cristianismo.<sup>33</sup>

Para alguns historiadores, sequer houve conversão real de Constantino à fé cristã, mas uma imperialização da Igreja,<sup>34</sup> que acabou por assimilar diversos elementos pagãos em seu culto. Shelley diz:

Alguns historiadores consideram a ‘conversão’ de Constantino uma manobra puramente política, até porque muitas coisas do paganismo foram mantidas em sua vida: ele conspirou, assassinou e até mesmo reteve seu título de *Pontifex Maximus*, que indicava sua posição de líder do culto religioso do Estado.<sup>35</sup>

A ideia de que Constantino usou a fé cristã como instrumento político é amplamente aceita, sendo muito disseminada por grupos cristãos dissidentes, muçulmanos, protestantes e, em especial, pelos pensadores iluministas. Mas ela tem encontrado a oposição de alguns estudiosos, como Veyne e Leithart.<sup>36</sup> Shelley, diante das ações de Constantino em favor dos cristãos, também conclui: “No entanto, é difícil sustentar uma conversão puramente política à luz de suas ações públicas e privadas”.<sup>37</sup> González oferece três razões para sustentar que a conversão de Constantino foi genuína:

A primeira delas é que essa interpretação é anacrônica demais, alheia aos costumes daquela época. Até onde sabemos, ninguém em toda a antiguidade se acercou da questão religiosa com o oportunismo político que tem sido

<sup>31</sup> IRVIN; SUNQUIST, op. cit., p. 208.

<sup>32</sup> LEITHART, op. cit., p. 77, nota de rodapé 7.

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> Veja: RAMALHO, J. Eusébio e Constantino: o início de uma Igreja imperialista. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

<sup>35</sup> SHELLEY, Bruce L. História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 114.

<sup>36</sup> Nas obras já mencionadas neste artigo.

<sup>37</sup> SHELLEY, op. cit., p. 114.

característico da idade moderna. Para os antigos os deuses eram realidades bem concretas, e mesmo os mais céticos temiam e respeitavam os poderes sobrenaturais. [...] A segunda razão é que na verdade, do ponto de vista puramente político, a conversão de Constantino aconteceu no pior momento possível. Quando Constantino adotou o *labarum* por emblema, ele estava se preparando para lutar pela cidade de Roma, centro das tradições pagãs, onde seus principais aliados eram os membros da velha aristocracia pagã, que se consideravam oprimidos por Majêncio. A maior força numérica do cristianismo não estava no Ocidente, onde governava Constantino e onde ele lutava contra Majêncio, mas no Oriente, para onde sua atenção seria dirigida somente anos mais tarde. Por último, a opinião oportunista é equivocada porque o grau de apoio que os cristãos poderiam ter prestado a Constantino era muito duvidoso. A igreja sempre tivera dúvidas sobre se os cristãos poderiam prestar serviço militar, e por isso o número de cristãos no exército era pequeno. Entre a população civil a maioria dos cristãos fazia parte da classe baixa, que não poderia dar muito apoio financeiro às intenções de Constantino.<sup>38</sup>

O primeiro grande passo em direção à cristianização do Império foi a promulgação do Edito de Milão em 313, que oficializava o fim da perseguição imperial aos cristãos, como parte da aliança entre Constantino e Licínio, que se tornaria seu cunhado ao casar-se com sua irmã Constância.<sup>39</sup> Assim, as igrejas, cemitérios e outras propriedades cristãs que haviam sido confiscadas lhes seriam devolvidas.<sup>40</sup>

Mas foi somente onze anos mais tarde, em 324, que Constantino finalmente derrotou Licínio – com a ajuda do exército liderado por seu filho Crispo – assenhorando-se do Império.<sup>41</sup>

Além do fim da perseguição estatal aos cristãos, a ascensão de Constantino trouxe aos cristãos diversos benefícios, conforme sumariados por de Shelley:

A partir do ano 312, Constantino favoreceu o cristianismo abertamente e permitiu que os ministros cristãos desfrutassem da mesma isenção de impostos que os sacerdotes pagãos, aboliu as execuções por crucificação, suspendeu as batalhas de gladiadores como pena por crimes e, no ano 321, transformou o domingo em feriado público. Graças à sua generosidade, templos magníficos surgiram como prova de seu apoio ao cristianismo.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> GONZÁLEZ, Justo L. E até os confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo. Volume 2: a era dos gigantes. São Paulo: Vida Nova, 1995b, p. 31.

<sup>39</sup> RAMALHO; FUNARI; CARLAN, op. cit., p. 65.

<sup>40</sup> GONZÁLEZ, 1995a, p. 176.

<sup>41</sup> RAMALHO; FUNARI; CARLAN, op. cit., p. 65. Eusébio encerra sua *História Eclesiástica* descrevendo a batalha final (op. cit., Livro 10, cap. IX, pp. 402-403).

<sup>42</sup> SHELLEY, op. cit., p. 114.

## 2 O OTIMISMO ESCATOLÓGICO DE EUSÉBIO DE CESAREIA

Eusébio provavelmente nasceu na Palestina, nos idos de 260 d.C. Ali viveu a maior parte dos seus primeiros anos. Foi educado, porém, em Cesareia, onde se tornou bispo mais tarde. Pouca coisa segura se pode dizer acerca de sua família. Não se sabe se seus pais eram cristãos ou não.<sup>43</sup>

Em Cesareia, Eusébio recebeu de Panfílio sua formação. Panfílio havia estudado em Alexandria sob Piério, um dos continuadores do trabalho de Orígenes. Este deixou sua biblioteca em Cesareia, que ficou sob a tutela da igreja. Panfílio foi responsável por restaurar e ampliar a biblioteca de Orígenes, tendo Eusébio e outros como colaboradores nesta obra administrativa.<sup>44</sup>

Com o início da perseguição promovida durante o reinado de Diocleciano, não demorou para que Cesareia tivesse o seu primeiro mártir, em junho de 303. Mas a situação foi amainando até que Maximino Daia assumiu a dignidade imperial em 305, promovendo novo e feroz ataque aos cristãos. Panfílio foi encarcerado, sendo executado apenas dois anos depois. Neste período, escreveu juntamente com Eusébio cinco livros de uma *Apologia de Orígenes* aos quais foi acrescentado um sexto livro por Eusébio após a morte do seu mestre. Eusébio escapou da perseguição, provavelmente ausentando-se de Cesareia, o que não era tido por indigno naquele período, visto que o cristão deveria evitar o martírio até que restasse provado que Deus o escolhera para este fim glorioso.<sup>45</sup>

Foi durante a perseguição que Eusébio, em seu labor literário, revisou sua mais importante obra: *História Eclesiástica*. González diz: “Se Eusébio não tivesse feito outra coisa em sua vida que escrever a *História Eclesiástica*, isso já seria suficiente para ele ser contado entre os ‘gigantes’ da igreja no século IV”.<sup>46</sup>

O historiador eclesiástico possuía uma visão bastante otimista da história, como se pode ver em alguns trechos de seus escritos. A mudança das políticas imperiais em relação aos cristãos a partir de 311 fortalecia essa perspectiva:

Para Eusébio e seus companheiros o que estava acontecendo era obra de Deus, semelhante aos milagres narrados no livro do Êxodo. A partir de então Eusébio – e provavelmente muitíssimos outros cristãos que não deixaram testemunho escrito das suas opiniões, como ele – começou a ver em Constantino e em Licínio instrumentos escolhidos por Deus para concretizar seus planos. Pouco depois, quando Constantino e Licínio começaram a

---

<sup>43</sup> GONZÁLEZ, 1995b, p. 47.

<sup>44</sup> Ibid., p. 48.

<sup>45</sup> Ibid., pp. 48-49.

<sup>46</sup> Ibid., p. 49.

guerra entre si, Eusébio estava convicto que a principal razão do conflito era que Licínio tinha perdido o juízo e começara a perseguir os cristãos. Por isto Eusébio sempre viu em Constantino o instrumento escolhido por Deus.<sup>47</sup>

Em sua *magnum opus*, Eusébio demonstra em diversos trechos sua expectativa otimista da história, segundo a qual o advento de Cristo e a difusão universal da fé por meio dos seus discípulos estava promovendo um estado de coisas nunca antes experimentado:

Assim, portanto, sob influência e cooperação celestial, a doutrina do Salvador irradiou-se rapidamente pelo mundo inteiro, como os raios do sol. Bem cedo, de acordo com a profecia divina, o som de seus evangelistas e apóstolos inspirados tinha alcançado toda a terra e suas palavras, os confins do mundo. Em todas as cidades e vilas, como o chão de um celeiro abastecido, rapidamente abundaram igrejas repletas de membros de todos os povos.<sup>48</sup>

Mais à frente, Eusébio destaca que o reino de Cristo sobre todas as nações já estava em operação, evocando o Salmo 2.8 em conexão com Romanos 10.18 como testemunho:

O mesmo historiador [Josefo] registra um relato ainda mais marcante. Ele diz: ‘um oráculo foi encontrado nos escritos sagrados, dizendo que naquela época uma daquela região ganharia a soberania do mundo’. Essa predição, supunha ele, ter-se-ia cumprido em Vespasiano. Mas ele não reinou sobre todo mundo, mas apenas sobre os romanos. Sendo mais justo, portanto, que se referisse a Cristo, a quem o Pai disse: ‘Pede-me, e dar-te-ei o céu por herança e os confins da terra por possessão’. E foi de seus santos apóstolos, bem naquela época, que ‘o som se espalhou por toda a terra e suas palavras para os confins do mundo’.<sup>49</sup>

Eusébio não apenas reconhece o reinado de Cristo desde o primeiro século sobre todo o mundo, mas também vê como resultado disso a melhora gradual da história. Isso pode ser visto em sua afirmação no Livro 10, quando descreve a paz que se seguiu aos difíceis períodos nos quais muitos cristãos foram martirizados:

Portanto, como as Escrituras nos ordenam cantar uma nova canção, mostraremos conseqüentemente que depois desses espetáculos e acontecimentos terríveis e sombrios, fomos privilegiados por ver tais coisas e celebrá-las, visto que muitos dos verdadeiramente santos e mártires de Deus antes de nós almejavam ardentemente vê-las e não o viram, e ouvi-las e não ouviram.<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> Ibid., pp. 49-80.

<sup>48</sup> CESAREIA, 1999, Livro 2, cap. III, p. 51.

<sup>49</sup> Ibid., Livro 3, cap. VIII, p. 91.

<sup>50</sup> Ibid., Livro 10, cap. I, p. 371.

Logo após mencionar os mártires, Eusébio se volta para os que permaneciam vivos, como testemunhas das obras do Senhor, que põe termo às guerras e introduz a paz, citando o Salmo 46:

Mas nós, livremente reconhecendo este estado de coisas em nossos dias como melhor do que podíamos esperar, ficamos além da medida surpresos com a magnitude da graça manifestada pelo Autor de nossas clemências e, com justiça, realmente o admiramos e o adoramos com toda força de nossa mente e prestamos testemunho à verdade destas declarações registradas onde é dito: ‘Vinde e vede as obras de Deus, as maravilhas que Ele tem feito na terra; Ele acaba com as guerras até os confins da terra, Ele quebra o arco, parte a lança em pedaços e queima os escudos no fogo’. Regozijando-nos nestas coisas cumpridas em nossos dias, voltemos o teor de nossa história.<sup>51</sup>

Para o historiador eclesiástico, a vitória do reino de Cristo na história pode ser percebida na destruição de “de toda a linhagem dos inimigos de Deus” e no deleite “daqueles que eram estranhos à nossa fé [...] nas mesmas bênçãos” que os crentes desfrutavam.<sup>52</sup> A nota otimista permanece mais à frente:

Além disso, aqueles que mantinham o poder supremo confirmaram os privilégios que nos concederam pela beneficência divina a uma extensão ainda mais ampla e maior por seus constantes decretos em favor dos cristãos, e foram emitidas cartas do imperador endereçadas aos bispos com honras e superabundantes doações de dinheiro.<sup>53</sup>

Os elogios de Eusébio aos imperadores Constantino e Licínio continuam:

De forma que o que nunca antes acontecera, os soberanos supremos, sensíveis à honra a eles conferida por Ele, agora cospem nas caras dos ídolos, pisoteiam os ritos profanos dos demônios, ridicularizam o antigo engano dos seus antepassados e reconhecem somente um verdadeiro Deus, o Benfeitor comum de todos e deles mesmos. Eles também confessam Cristo, o Filho de Deus, como o Rei universal de tudo e em seus editos proclamam Salvador, escrevendo seus atos justos e suas vitórias sobre os ímpios com caracteres régios, em registros indeléveis e no meio daquela cidade que mantém a preponderância sobre a terra. De modo que nosso Salvador Jesus Cristo é o único já reconhecido pelos supremos da terra, não como rei comum entre os homens, mas adorado como o verdadeiro Filho de Deus e o próprio Deus.<sup>54</sup>

---

<sup>51</sup> Ibid., pp. 371-372.

<sup>52</sup> Ibid., p. 372.

<sup>53</sup> Ibid., Livro 10, cap. II, p. 373.

<sup>54</sup> Ibid., Livro 10, cap. IV, p. 377.

Eusébio prossegue exaltando as “leis tão piedosas e sábias” capazes de ab-rogar “os costumes selvagens e bárbaros de nações selvagens e bárbaras”.<sup>55</sup> Nisto se vê como o antigo pai da Igreja percebia em Constantino um emissário divino escolhido para promover a paz e a justiça.

Sua *História Eclesiástica* encerra-se com cópias das leis em benefício dos cristãos,<sup>56</sup> e com um relato da disputa final entre Licínio e Constantino, com vitória deste.<sup>57</sup>

Assim, fica evidente que, para Eusébio, o reino de Cristo sobre as nações era uma realidade presente que já vigora desde o primeiro advento de Jesus. Mediante a pregação dos evangelistas e apóstolos, este reino expandir-se-ia até alcançar os confins da terra. A ascensão de Constantino fortalece essa perspectiva ao colocar fim às perseguições contra os cristãos e facilitar a promoção da fé cristã por todo o Império.

Tal perspectiva é bastante diferente daquela defendida pelos *quiliastas* da igreja antiga. Estes geralmente viam o reino universal de Cristo como algo futuro, que se realizaria em um milênio sobre a terra no qual Cristo reinaria com os santos ressuscitados sobre todas as nações. Este milênio seria antecedido por uma tribulação sem precedentes. Assim, há uma diferença significativa entre a expectativa pessimista dos milenaristas e a perspectiva otimista de Eusébio

Outro ponto que merece destaque é que, para Eusébio, a grande tribulação é um evento pretérito. Isso abre para ele o espaço necessário para uma visão mais otimista do futuro, visto que o período mais crítico da história humana já teria passado.

Ao profetizar a grande tribulação em seu sermão no Monte das Oliveiras, Jesus fez referência ao “abominável da desolação de que falou o profeta Daniel” (Mt 24.15) e em seguida recomendou que diante do evento iminente, seus discípulos fugissem da Judeia (v. 16). Eusébio viu o cumprimento destas profecias no cerco de Jerusalém nos anos 66-70, culminando na destruição do Templo e sua profanação:

Mas todo corpo da igreja de Jerusalém, dirigido por uma revelação divina dada a homens de piedade aprovada antes da guerra, saíram da cidade e foram habitar em certa cidade além do Jordão chamada Pela. Eis que, tendo se mudado de Jerusalém os que criam em Cristo, como se os santos tivessem abandonado por completo a própria cidade real e toda a terra da Judeia, a justiça divina por fim os atingiu por seus crimes contra Cristo e seus apóstolos, destruindo totalmente toda a geração de malfeitores sobre a terra.

---

<sup>55</sup> Ibid.

<sup>56</sup> Ibid., Livro 10, caps. V-VII, pp. 391-398.

<sup>57</sup> Ibid., Livro 10, caps. VIII-IX, pp. 398-403.

Mas quanto ao número de calamidades que sobrevieram sobre toda a nação; a miséria extrema a que especialmente os habitantes da Judeia foram reduzidos, o vasto número de homens e mulheres e crianças que caíram atingidos pela espada ou pela fome e por inúmeras outras formas de morte; as numerosas e grandes cidades da Judeia sitiadas, bem como as grandes e inacreditáveis aflições que sofreram os que se refugiaram em Jerusalém, como se fosse lugar de segurança perfeita; esses fatos, bem como todo o transcorrer da guerra e cada detalhe de seu andamento quando, por fim, a abominação da desolação, de acordo com a declaração profética, colocou-se no próprio templo de Deus, tão celebrado desde os tempos antigos, mas que então aproximava-se de sua ruína total e destruição final pelo fogo; tudo isso, digo, quem quer que deseje pode ver narrado com precisão na história escrita por Josefo.<sup>58</sup>

O capítulo VII do Livro 3 é repleto das predições de Cristo constantes em Mateus 24.19-21, Lucas 19.42; 21.23b-24 e v. 20.<sup>59</sup> Sua conclusão é evidente:

Se alguém comparasse as palavras de nosso Salvador com outras partes da obra do historiador em que ele descreve toda a guerra, como poderia deixar de reconhecer a presciência e predição verdadeiramente divinas e extraordinárias de nosso Salvador e de se maravilhar com elas?<sup>60</sup>

Do que foi exposto, nota-se que a escatologia de Eusébio é otimista porque o momento mais ameaçador da história já ocorreu, abrindo espaço para a ideia de que o reino de Cristo expandir-se-á – à semelhança do grão de mostarda e da medida de fermento nas parábolas do reino (cf. Mt 13.31-33) – alcançando o mundo inteiro antes da *parousia* final de Cristo. O principal questionamento é: qual relação há, se há, entre essa perspectiva otimista da história e a ascensão do primeiro imperador cristão?

### 3 UM DEUS, UM IMPERADOR?

Eusébio via Constantino como um “novo Moisés”, o libertador do povo de Deus. Assim como Moisés foi o instrumento de Deus para colocar fim na opressão dos egípcios sobre os hebreus, Eusébio via Constantino como o escolhido de Deus para colocar fim às perseguições dos imperadores romanos sobre os cristãos. Ele “usou o modelo de Moisés para organizar sua biografia de Constantino”.<sup>61</sup> Nas palavras de Veyne, “aos olhos de seu historiador e panegirista Eusébio, ele é perfeitamente o novo Moisés da nova Israel”.<sup>62</sup> Em

---

<sup>58</sup> Ibid., Livro 3, cap. V, p. 83.

<sup>59</sup> Ibid., Livro 3, cap. VII, pp. 88-89.

<sup>60</sup> Ibid., p. 89.

<sup>61</sup> LEITHART, op. cit., p. 75, nota 2.

<sup>62</sup> VEYNE, op. cit., p. 90.

seu *Panegírico de Constantino* 2-3, Eusébio diz: “O Salvador do universo prepara o céu, o mundo inteiro e o Reino do alto para seu Pai. Seu amigo [Constantino], entre os habitantes da terra, guia os súditos para o Verbo, Filho único e Salvador, e os dispõe a entrar em seu Reino”.<sup>63</sup> Nota-se o grande impacto da vida de Constantino sobre o pensamento bispo de Cesareia.

Em 336, Eusébio exclamou: “Um Deus, um império, um imperador”!<sup>64</sup> Isso denota a ideia de que Deus, o império e o imperador formam um tríade na qual, em última instância, o imperador representa os anseios do próprio Deus. A relação seria de mão dupla: a lealdade da Igreja para com o imperador em troca do favor deste à Igreja.<sup>65</sup> Essa relação parece fazer com que a Igreja se sinta mais encorajada na esfera pública após três séculos de perseguição. Mas será que a ascensão de Constantino, o primeiro imperador cristão, ao trono está na gênese da visão otimista de Eusébio da história?

A lógica aplicada por Erickson à visão escatológica de Agostinho é igualmente válida para a visão de Eusébio:

Uma série de acontecimentos que culminaram na conversão do imperador Constantino em 312 e na tolerância concedida por ele ao cristianismo aos poucos tornaram o cristianismo praticamente a religião oficial do império. Parecia que, sem qualquer interposição milagrosa de Deus, a Igreja chegara a uma posição de supremacia. À medida que o antigo Império Romano – que tinha sido o inimigo da Igreja – cambaleava para a sua queda, a Igreja parecia estar às portas de sua herança. Ela assumia as funções políticas do império.<sup>66</sup>

Desta forma, a Igreja em sua forma visível parecia identificar-se com o próprio Reino de Deus. O triunfo da Igreja era o triunfo do Reino de Deus sobre a terra. Conseqüentemente, associar a escatologia otimista de Eusébio de Cesareia ao estabelecimento da Igreja após a ascensão de Constantino com suas políticas que beneficiavam os cristãos – em termos de uma relação do tipo causa-e-efeito – é algo, no mínimo, tentador. Não obstante, talvez seja necessário considerar outras questões.

Como já foi observado, Eusébio tinha uma profunda relação com a teologia alexandrina de Orígenes. Panfílio “percebe as aptidões de Eusébio, inicia-o no trabalho

---

<sup>63</sup> Apud LIÉBAERT, Jacques. Os Padres da Igreja: séculos I – IV. Volume 1. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 149.

<sup>64</sup> VEYNE, op. cit., p. 212.

<sup>65</sup> Ibid.

<sup>66</sup> ERICKSON, op. cit., p. 72.

científico sobre a Bíblia e ensina-o a conhecer e admirar a obra de Orígenes”.<sup>67</sup> Ambos, juntos, mantiveram e enriqueceram a biblioteca deixada pelo mestre alexandrino.<sup>68</sup> A influência do pensamento de Orígenes sobre Eusébio não pode ser negligenciada. E a visão escatológica de Orígenes, antes de qualquer imperador cristão subir ao trono, já era bastante otimista:

[...] é evidente que também os bárbaros convertidos à palavra de Deus serão muito sujeitos à lei e muito civilizados; todos os cultos serão abandonados e só o culto dos cristãos estará em vigor: sim, num só dia ele estará em vigor, pois o Logos conquista a cada instante número maior de almas.<sup>69</sup>

Philip Schaff observa que Orígenes “esperava que o cristianismo, via contínuo crescimento, conquistasse o mundo”.<sup>70</sup> Uma interpretação demasiadamente literalista de algumas passagens bíblicas acerca do reino vindouro seria, realmente, uma anomalia considerando a exegese de Orígenes:

É desnecessário dizer que aqui não há lugar para o milenismo, e Orígenes critica a tolice dos crentes literalistas que leem as Escrituras tal como os judeus e acalentam sonhos de, após a ressurreição, habitarem numa Jerusalém terrestre, onde comerão, beberão e desfrutarão do ato sexual à vontade.<sup>71</sup>

A escatologia origenista, portanto, rejeitava a concepção pessimista da história advogada pelos milenaristas ao mesmo tempo que afirmava uma visão otimista da história na qual a fé cristã triunfaria. Esse otimismo escatológico de Orígenes é tão evidente em suas obras, que chega a ultrapassar até mesmo a virada escatológica na história, extrapolando para a pós-história, como se vê em sua doutrina da *apocatástase*:

Nós afirmamos, porém, que um dia o Logos dominará toda a natureza racional e transformará cada alma em sua própria perfeição, no momento em que todo indivíduo, usando apenas sua simples liberdade, escolherá aquilo que o Logos quer e obterá o estado que ele tiver escolhido. Declaramos ser

<sup>67</sup> LIÉBAERT, op. cit., p. 145.

<sup>68</sup> Ibid., pp. 145-146.

<sup>69</sup> ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004, Livro VIII, capítulo 68, p. 676.

<sup>70</sup> Apud GENTRY JR., Kenneth L. “O ponto de vista pós-milenarista”. In: BOCK, (org.), op. cit., 2005, p. 16.

<sup>71</sup> KELLY, J. N.D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 360. Kelly, aqui, refere-se ao trecho da obra *Tratado sobre os princípios* no qual o mestre alexandrino critica o uso de Mateus 26.29 e Lucas 19.19 como fundamentação para a crença em um milênio material. Veja: ORÍGENES. *Tratado sobre os princípios*. São Paulo: Paulus, 2012, Livro II, parágrafo 11.2, pp. 199-200.

impossível que, tal como nas doenças e nos ferimentos do corpo em que certos casos são rebeldes a todos os recursos da arte médica, haja igualmente no mundo das almas uma sequela do vício impossível de curar pelo Deus racional e supremo. Pois o Logos e seu poder de curar são mais fortes do que todos os males da alma. Ele aplica esse poder a cada qual segundo sua vontade; e o fim do tratamento é a destruição do mal.<sup>72</sup>

O fim de todas as coisas, segundo Orígenes, é a absoluta destruição do mal, que é equivalente a dizer que “as realidades chegaram à sua perfeição e acabamento”.<sup>73</sup> Comentando 1 Coríntios 15.28, ele diz:

Se, portanto, se entende como boa e salutar a submissão pela qual o Filho é, conforme se disse, submetido a seu Pai, de maneira muito consequente e coerente, segue-se que é preciso entender como salutar e útil aquilo que é chamado de submissão dos inimigos ao Filho de Deus; assim como quando dizemos submissão do Filho ao Pai é afirmada a perfeita restauração de toda a criação, de modo semelhante, quando se diz que os inimigos estão submetidos ao Filho de Deus, entende-se a salvação nele daqueles que estão submetidos, e o restabelecimento daqueles que se perderam.<sup>74</sup>

Para Orígenes, a *apocatástase* é consequência da bondade divina, embora respeite a vontade livre das criaturas racionais: “Porque a bondade de Deus, de acordo com o que lhe é próprio, convida todos os seres e os atrai para o fim feliz, onde cessam e desaparecem as dores, tristezas e gemidos de toda espécie”.<sup>75</sup> Embora Orígenes, segundo Rufino, ao ser confrontado tenha negado a restauração final do próprio Satanás, “a lógica de seu sistema a exigia, visto que, de outro modo o domínio de Deus deixaria de ser absoluto e Seu amor fracassaria em Seu objetivo”.<sup>76</sup>

Os apontamentos sobre a escatologia de Orígenes, acima, mostram que sua visão era extremamente otimista não apenas no desenrolar da história, mas também na concepção da consumação eterna. Seguindo a tradição escatológica alexandrina, muito tempo depois, já no

<sup>72</sup> ORÍGENES, 2004, Livro VIII, capítulo 72, p. 679.

<sup>73</sup> ORÍGENES, 2012, Livro I, capítulo 6, parágrafo 1, p. 107. A nota de Orígenes aqui é importante: “Dizemos isso com muito receio e cautela, antes de mais como algo a questionar e discutir do que como algo certo e definido. Indicamos acima quais os itens são claramente definidos pelo dogma; assim como fazemos, creio, na medida de nossa capacidade, quando falamos da Trindade; mas do que vamos tratar agora [a *apocatástase*], mais do que definir, será tanto quanto possível, nos exercitar” (ibid.). Assim, Orígenes define a doutrina da restauração universal proposta em suas obras como um exercício exegético; não como um dogma da Igreja.

<sup>74</sup> Ibid., Livro III, capítulo 5, parágrafo 7, p. 272

<sup>75</sup> Ibid., Livro I, capítulo 8, parágrafo 3, p. 123.

<sup>76</sup> KELLY, op. cit., p. 361.

contexto da “virada constantiniana”, o pai da ortodoxia, Atanásio, também defendeu uma escatologia otimista.<sup>77</sup>

Não se pode negar a importância de Constantino para Eusébio. Não obstante, conceber a escatologia otimista de Eusébio como mera consequência dos acontecimentos históricos envolvendo o governo de Constantino soa como uma compreensão um tanto reducionista de sua teologia. Seria o equivalente a afirmar que todas as formas de interpretação escatológica pessimistas anteriores fossem meros produtos dos eventos históricos e perseguições sofridas pelos cristãos, não tendo relação com nenhuma tradição interpretativa da Escritura Sagrada.

É evidente que o *sitz im leben* do intérprete influencia sua leitura, visto que ninguém é absolutamente neutro. Mas isso não deve ser considerado como o elemento determinante. Pelo menos no caso de Eusébio, visto que recebeu forte influência teológica de Orígenes de Alexandria, proponente de uma escatologia altamente otimista. Talvez, seja mais adequado ver os acontecimentos envolvendo Constantino mais como a concretização da expectativa escatológica de Eusébio do que como o elemento motriz de sua escatologia.

As ações de Constantino, certamente, fortaleceram as convicções de Eusébio acerca do propósito de Deus para Sua Igreja e para o mundo, mas sua relação com a teologia alexandrina através de Orígenes parece estar por trás do seu otimismo histórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ascensão de Constantino ao trono e suas políticas em favor dos cristãos exerceram um impacto permanente na vida e no pensamento do historiador eclesiástico e bispo de Cesareia, Eusébio. Isso pode ser visto na visão idealizada que Eusébio tem de Constantino, como o “novo Moisés”, que libertou o “novo Israel”, a Igreja. Constantino era, então, o “artífice de uma união exemplar entre o Império e a Igreja, protetor desta”.<sup>78</sup>

Mas como observa Liébaert, essa é uma “aliança grandiosa e sedutora, cujos perigos potenciais para a liberdade da Igreja Eusébio não pressentiu, segundo parece. Essa teologia política, colorida de triunfalismo, não tardará a ser questionada pelos fatos”.<sup>79</sup>

Ainda que a situação política do Império tenha um papel importante na vida de Eusébio, não se deve vê-la como fator determinante para a sua visão otimista da história. A relação do bispo de Cesareia com Orígenes através de Panfílio parece colocar Eusébio na

---

<sup>77</sup> Veja: SANTO ATANÁSIO. A encarnação do Verbo, 52. In: SANTO ATANÁSIO. Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 195-196.

<sup>78</sup> LIÉBAERT, op. cit., p. 148.

<sup>79</sup> Ibid.

condição de “discípulo de Orígenes”. Tanto é que ambos escreveram juntos uma *Apologia de Orígenes*, conforme já mencionado. Além disso, Eusébio guarda um espaço significativo em sua *História Eclesiástica* para registrar a vida, a educação e o ministério de Orígenes,<sup>80</sup> bem como sua tortura sofrida durante a perseguição promovida por Décio.<sup>81</sup>

Do que foi exposto, parece que Eusébio herdou da tradição alexandrina, em especial, de Orígenes, uma escatologia otimista. Isso pode ser observado não apenas na expectativa de Orígenes sobre cristianização do mundo, como também em sua esperança de que, por fim, toda a criação será redimida. É o que ele chamou de *apocatástase*. É verdade que, para Orígenes, a doutrina da restauração universal é muito mais um exercício exegético do que um dogma de fé da igreja.<sup>82</sup> Não obstante, revela seu otimismo escatológico mais amplo. Esse otimismo certamente influenciou o pensamento escatológico de Eusébio de Cesareia.

Mas, nem por isso, os eventos envolvendo Constantino na política do Império devem ser negligenciados quando se observa a vida e o pensamento do pai da história eclesiástica. A forma como Eusébio percebeu Constantino e suas ações serviram para fortalecer seu ponto de vista otimista. Se a pessoa e as políticas de Constantino não estão na base do otimismo histórico de Eusébio, certamente fazem parte do grande mosaico do plano divino na história. Desta forma, a ascensão do primeiro imperador cristão e suas políticas de favorecimento à igreja, na visão de Eusébio, concretizam uma parte importante do propósito de Deus rumo à consecução da expansão do Reino de Cristo sobre a terra.

Assim, enquanto a escatologia origenista parece estar na base do otimismo de Eusébio, os eventos políticos ligados à “virada constantiniana” e o conseqüente fim das perseguições imperiais contra os cristãos parecem fortalecer sua perspectiva sobre o triunfo de Cristo na história.

## REFERÊNCIAS

- BEALE, G. K. Brado de vitória: um breve comentário do livro de Apocalipse. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- BERKHOF, Louis. História das doutrinas cristãs. São Paulo: PES, 1992.
- BÍBLIA. Língua Portuguesa. Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BOCK, Darrell L (org.). O milênio: 3 pontos de vista. Coleção Debates Teológicos. São Paulo: Vida, 2005.
- CESAREIA, Eusébio de. História Eclesiástica. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

<sup>80</sup> CESAREIA, 1999, Livro 6, capítulos I–IV, pp. 201-206.

<sup>81</sup> Ibid., Livro 6, capítulo XXXIX, p. 235.

<sup>82</sup> Ver nota de rodapé 73.

- EUSEBIUS. *Life of Constantine*. Clarendon Ancient History Series. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1999.
- ERICKSON, Millard J. *Escatologia: a polêmica em torno do milênio*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- GONZÁLEZ, Justo L. *E até os confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo*. Volume 1: a era dos mártires. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- \_\_\_\_\_. *E até os confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo*. Volume 2: a era dos gigantes. São Paulo: Vida Nova, 1995b.
- ICE, Thomas; GENTRY JR., Kenneth L. *A grande tribulação: passado ou futuro? Dois evangélicos debatem a questão*. Rio de Janeiro: Verbum, 2022, no prelo.
- IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do movimento cristão mundial*. Volume 1: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004.
- KELLY, J. N.D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova.
- KREIDER, Alan. *O paciente fermento da igreja primitiva: o improvável crescimento do cristianismo no Império Romano*. 1. ed. Maceió, AL: Sal Cultural, 2017.
- LEITHART, Peter. *Em defesa de Constantino: o crepúsculo de um império e a aurora da cristandade*. Brasília, DF: Monergismo, 2020.
- LIÉBAERT, Jacques. *Os Padres da Igreja: séculos I – IV*. Volume 1. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Tratado sobre os princípios*. São Paulo: Paulus, 2012.
- RAMALHO, Jefferson; FUNARI, Pedro Paulo; CARLAN, Claudio Umpierre. *Constantino e o triunfo do cristianismo na antiguidade tardia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.
- RAMALHO, J. *Eusébio e Constantino: o início de uma Igreja imperialista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- SANTO ATANÁSIO. *Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- VEYNE, Paul. *Quando o nosso mundo se tornou cristão: (312-394)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.